



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14293 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

ENCONTRO DA PEDAGOGIA DECOLONIAL COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE XUKURU DO ORORUBÁ: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DO ENCONTRO COM A COMUNIDADE

Maria Roseane Cordeiro de Oliveira - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Saulo Ferreira Feitosa - UNIVERSIDADE FEDERAL PE

Eliene Amorim de Almeida - ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ENCONTRO DA PEDAGOGIA DECOLONIAL COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE XUKURU DO ORORUBÁ: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DO ENCONTRO COM A COMUNIDADE

Resumo: O presente trabalho é fruto da pesquisa de mestrado, realizada em 2021, que trata sobre os possíveis encontros da prática pedagógica das/nas Escolas do povo Xukuru com a Pedagogia Decolonial. Fomos impulsionados/as a realizar a pesquisa a partir da seguinte problemática: quais elementos da Prática Pedagógica Docente Xukuru caracterizam uma Pedagogia Decolonial? Portanto, buscamos identificar os possíveis encontros da Prática Pedagógica Docente Xukuru com a Pedagogia Decolonial. Nessa perspectiva, tomamos como referencial teórico as contribuições de autores/as indígenas, entre elas/es professoras/es, lideranças, coordenadoras/es do povo Xukuru para pensar a Educação Escolar Xukuru e a prática pedagógica docente; Souza (2012) para pensarmos a Prática Pedagógica e Walsh (2009) que nos possibilita refletir sobre a Pedagogia Decolonial. Utilizamos enquanto percurso teórico-metodológico a Etnografia do Corazão para a construção da pesquisa e entrevistas etnográficas (RESTREPO, 2018). Concluímos que a prática pedagógica das escolas do povo Xukuru do Ororubá se constitui a partir da relação entre a escola e a comunidade, objetivando formar guerreiras e guerreiros conhecedoras/es dos seus direitos e responsabilidades que respeitam a sua história, cultura, crenças, tradições, natureza, ancestralidade.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena Xukuru; Prática Pedagógica Docente; Pedagogia Decolonial.

Introdução: O recontar de uma história...

As escolas presentes no território indígena do povo Xukuru do Ororubá serviam aos interesses dos invasores e colonizadores, contribuindo para a negação da nossa história, cultura, conhecimentos, cosmologias, pois estas foram se configurando enquanto um espaço para ensinar e reproduzir a cultura e conhecimentos europeus. Portanto, até a década de 1990, do século XX, as escolas Xukuru silenciavam a história do seu povo, reproduzindo o currículo do município de Pesqueira-PE, que consequentemente fortalecia o eurocentrismo (WALHS, 2009) enquanto perspectiva única do conhecimento.

Diante da realidade das escolas Xukuru, o cacique Xikão^[1] e suas lideranças, sentiram a necessidade de, assim como acontecia com o território, retomar também as escolas para as transformar em um instrumento de fortalecimento da identidade étnica, contribuindo para recontar a história de luta e resistência do povo, valorizando os seus saberes, conhecimentos e ancestralidade. Essa escola deveria estar a serviço do povo e de cada comunidade, para fortalecer a nossa cultura e tradições como são evidenciados na fala do Coordenador Juazeiro^[2]:

Xikão acreditava que a escola poderia ser o espaço de libertação do seu povo, e nessa educação os rituais são considerados a base da aprendizagem, pois, é através dos rituais que buscamos a força da Mãe Terra, e nós enquanto indígenas precisamos manter e buscar essa força da mãe terra para fortalecer e garantir a luta e conquistas do povo.

Nessa perspectiva a escola passa a ser considerada um espaço de (re)conexão com o Sagrado, pois entende-se que os rituais são a base para o fazer da educação e é a partir dele que acontece o processo de ensino e aprendizagem. Assim, “Xikão propõe pensar uma educação de qualidade de acordo com a necessidade do seu povo, por isso, ele entende a importância de se ter os rituais Xukuru na sala de aula, como forma própria de ensino e aprendizagem, para fortalecer a cultura e a arte indígena” (COORDENADOR, JUAZEIRO).

^[1] Líder do povo Xukuru no período entre 1986-1998, quando foi assassinado pelos fazendeiros invasores da terra.

^[2] Os colaboradores da pesquisa foram identificados ao longo do trabalho com nomes fictícios ligados a elementos da cultura Xukuru, como forma de proteger o nome dos participantes da pesquisa. As entrevistas que se encontram presentes neste trabalho não foram utilizadas na dissertação.

Concomitantemente à “retomada da escola” acontece uma mudança no quadro de professores/as que atuavam nas escolas que havia no território indígena, pois a maioria destes era família de posseiros ou ligados aos invasores dos nossos territórios, o que impedia que a Educação escolar do povo Xukuru fosse específica, diferenciada e intercultural como está garantido na legislação educacional vigente no país. Por isso, o cacique Xikão, juntamente com as comunidades, refletiram sobre a necessidade de que os/as próprios/as indígenas pudessem atuar enquanto professoras/es. Porém, havia professoras/es Xukuru que por medo e vergonha, fruto do processo de colonização que resultou nas colonialidades (WALHS, 2009), negavam o seu pertencimento ao povo, entretanto:

Xikão não concebia um professor que não se assumisse enquanto indígena. Assim ele acreditava que com o passar do tempo esses professores se auto afirmassem enquanto indígenas e perdessem o medo de se identificarem enquanto Xukuru. Então, essa barreira foi quebrada paulatinamente e foi muito importante, porque as retomadas, o processo de formação junto aos professores, nos davam a certeza de que nós estávamos no caminho certo e que deveríamos então, nos assumirmos enquanto indígenas do povo Xukuru (PROFESSOR, JUCÁ).

Embora inicialmente, as/os professoras/es Xukuru não assumissem a identidade Xukuru, à medida que participavam de momentos de formações, encontro com as pessoas mais velhas, pesquisas na comunidade, mobilizações, reuniões, retomadas da terra, tais professoras/es revisitavam/revisitam as memórias coletivas e começam a se identificar com sua ancestralidade, ao mesmo tempo em que se fortalecem individualmente enquanto indígenas e contribuem para o fortalecimento da luta, resistência e conquista do povo.

Portanto as professoras/professores começam assumir o seu protagonismo tornando-se lideranças na comunidade, pois “o professor indígena ele não só é professor, ele é uma liderança dentro da sua comunidade, uma liderança da educação escolar indígena, que entende que a educação acontece onde o estudante está” (COORDENADOR, JUAZEIRO). Nesse sentido, as/os professoras/es começam a romper com o “modelo branco de escola” fazendo com que a prática escolar aconteça também em todos os espaços do povo junto à comunidade, rompendo-se assim, com o modelo de educação escolar imposto pelos colonizadores e invasores dos nossos territórios. A escola que até então estava nos territórios Xukuru, mas que não servia aos interesses do povo, começou a ser transformada em uma escola Xukuru, onde a comunidade é convidada para fazer parte dessa escola e a escola é convidada para fazer parte e contribuir com o projeto de vida do povo, como evidenciado pela fala da professora Memby:

Essa educação acontece através da nossa ancestralidade, por isso, é importante que o professor leve os seus estudantes para conversarem com os mais velhos, mas também devem trazer os mais velhos da comunidade para dentro da escola, uma vez que entendemos que o legado deixado pelos mais velhos é a continuidade da cultura, por isso, que para a criança e o jovem dar continuidade à cultura ele precisa conhecer a sua história e sua cultura.

As/os professoras/es possibilitam a relação entre a escola e a comunidade, garantindo que a educação escolar Xukuru seja específica, diferenciada e intercultural. É a partir da comunidade/escola que a prática pedagógica docente vai sendo forjada, assim como a prática pedagógica discente, gestora e gnosiológica, como é evidenciado por Souza (2012, p.31) quando afirma que “não reduzimos a *práxis* pedagógica à ação do educador ou à prática docente, mas também não a excluimos. Ao contrário, atribuímos a ela a máxima importância, mas como parcialidade de uma totalidade que lhe dá sentido e garante as condições de sua realização” (grifo do autor).

A ação e atuação das/os professoras/es não acontecem de forma isolada, mas são vivenciadas na coletividade, visando contribuir com a formação da/o guerreira/o, entretanto, “para ensinar aos estudantes a serem guerreiros, o professor precisa antes ser um guerreiro, para isso é necessário estar envolvido na tradição, na agricultura, nos rituais” (PROFESSORA MEMBY).

Para o povo Xukuru ser guerreira/o é se assumir enquanto indígena, participar das vivências coletivas junto ao seu povo, conhecer os seus direitos e seus deveres, respeitar os mais velhos, a comunidade, as lideranças, a Natureza Sagrada, a ancestralidade, conhecer a sua história de luta e resistência, viver em coletividade, fortalecer as tradições, a cultura. Por isso, para formar guerreiros e guerreiras, as/os professoras/es precisam antes serem guerreiras/os. É a partir dessa formação do guerreiro e da guerreira, do encontro entre comunidade/escola que a prática pedagógica docente dialoga com a pedagogia decolonial, pois a “[...] pedagogías que se esfuerzen por transgredir, desplazar e incidir enlanegación ontológica, epistémica y cosmogónica-espiritual que ha sido – y es – estrategia, fin y resultado del poder de la colonialidad” (WALSH, 2009, p. 141).

2. Reconstruindo percursos teóricos metodológicos

O povo Xukuru encontra-se localizado nos municípios de Pesqueira e Poção, região agreste do estado de Pernambuco, possui uma população de 12.994 pessoas. Na sua organização social e política, desenvolve um sistema de gestão territorial próprio, formado por conselhos ou instâncias de organização sociopolítica que trabalham de forma coletiva.

Para realizarmos a pesquisa nesse território, tomamos enquanto percurso teórico metodológico a Etnografia do Corazonar para possibilitar que essa pesquisa seja vivenciada com intensidade, respeitando a ancestralidade que transforma a nossa existência e se

materializa em uma escrita sensível permeada por emoções, memórias, afetações.

Portanto, realizamos uma pesquisa com o povo Xukuru do Ororubá, objetivando que os conhecimentos/saberes outrora negados ou silenciados, sejam respeitados e que possam dialogar com outros conhecimentos sem que um se sobreponha ao outro como propõem as colonialidades (WALHS, 2009).

A partir desse percurso teórico-metodológico, a pesquisadora pôde assumir a sua identidade enquanto mulher, indígena, pesquisadora, guerreira, professora, planejando e vivenciando a pesquisa com o povo. Na posição de pesquisadora junto ao seu povo, não se colocou em um patamar autoritário de quem exclui ou inclui saberes e/ou conhecimentos do povo, mas na ação intercultural, política, social e educativa de quem pensa a democratização do conhecimento a partir da produção de um conhecimento que é coletivo.

Para construção e apresentação dos saberes/conhecimentos utilizamos as Entrevistas Etnográficas (RESTREPO, 2018), as quais foram realizadas com professoras/es, coordenadoras/es pedagógicos e lideranças da comunidade. As contribuições de Restrepo (2018), a respeito da etnografia enquanto descrições densas de uma determinada cultura, campo, povo ou objeto de investigação, nos mobilizou a considerar, também, o contributo teórico de Arias (2010) ao abordar um Pensamento Decolonial desde o corazonar, que considera a plena existência de grupos outrora e atualmente subalternizados. Esse encontro teórico-metodológico nos possibilitou pensar a etnografia do corazonar como o ingresso no campo empírico onde a existência do pesquisador/a está implicada na história e construção desse campo a ser pesquisado.

Breves considerações

Com a retomada da escola na década de 1990 a prática pedagógica das/os docentes Xukuru passa a ser ressignificada transformando-se em uma prática que contribui para o projeto de vida do povo assim como para a formação da/o guerreira/o Xukuru. O ser professor Xukuru vai além das vivências e atividades da sala de aula, ele é forjado também no contexto da comunidade.

Portanto, podemos concluir que a prática pedagógica do/a docente Xukuru é permeada por elementos da Pedagogia Decolonial, sendo uma prática que busca rever as heranças coloniais, as quais durante muito tempo tentaram silenciar e subalternizar os saberes dos povos indígenas, para isso, faz-se necessário retomar as nossas memórias coletivas, as histórias orais, ampliar os espaços da sala de aula e ir ao encontro da comunidade para aprender com os/as mais velhos/as (TOIOPES^[3]), com a Natureza Sagrada, fortalecendo as nossas cosmologias, os saberes ancestrais, a Força Encantada.

Portanto, pensar uma prática pedagógica docente Xukuru do Ororubá em um

diálogo com a pedagogia decolonial é pensar em uma prática que emerge na relação escola/comunidade, onde a formação da/o guerreira/o acontece, sendo fortalecida/o enquanto indígena ao mesmo tempo em que fortalece a luta e resistência do povo.

[3] Forma de tratar as pessoas mais velhas na língua Xukuru.

REFERÊNCIAS

ARIAS, Patricio Guerrero. Corazonar el sentido de las epistemologias dominantes desde las sabidurias insurgentes, para construir sentidos otros de la existência. CALLE14/ volumen 4, número 5, p.80 – 95, julio-diciembre de 2010.

RESTREPO, Eduardo **Etnografía. Alcances, técnicas y éticas** / Eduardo Restrepo 1.a ed. Lima: Fondo Editorial de laUniversidad Nacional Mayor de San Marcos, 2018. 144 p. Antropología / Etnografía / Trabajo de campo.

SOUZA, João Francisco de. **Prática Pedagógica e formação de professores**. 2. Ed. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica y Pedagogia De-colonial: in-surgir, re-existir y re-viver. UMSA, **Revista "Entre palabras"**, Fac. Humanidades y Ciencias de La Educación, No.3 – No.4, La Paz, Bolivia, 2009, p 129-156.